

Três verdades para conter entusiasmo pós-eleitoral

País imaturo, metade do Brasil é cúmplice de Bolsonaro, e todos cultuam salvadores da pátria

Marcelo Leite

Folha de S. Paulo, 3.nov.2022

- • O maior mentiroso que já ocupou a Presidência da República sabe de cor um único [versículo \(João 8, 32\)](#): "Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará". Repete-o mais a torto que a direito, sem ruborizar.

Como bom cético e jornalista profissional, aprendi que verdade não se conhece, se busca. Quem quiser acreditar na miragem de verdades imutáveis que a encontre na bíblia e noutras informações inverificáveis dos falsos profetas e pastores televangelistas. Honestidade intelectual e ciência são escravas da dúvida.

Neste mundo só existem verdades provisórias, lastreadas em fatos, evidências e medições. Estão sempre sujeitas a revisão, à medida que o surgimento de novos e melhores fatos, evidências e medições venha contradizê-los. Ainda sob o calor da [votação de domingo \(30\)](#), propõem-se aqui três delas para arrefecer o entusiasmo.

Verdade 1

[Quase metade dos eleitores \(49,1%\)](#) votou em [Bolsonaro](#), e pela segunda vez. Em números precisos, 58.206.354 conterrâneos —parentes, amigos, vizinhos, colegas de trabalho ou de escola— concordam com o presidente o bastante para tentar reelegê-lo.

São 58,2 milhões de brasileiros maiores de 16 anos que não veem escândalo na conduta presidencial na pandemia. Ou fazem pouco das [mais de 680 mil mortes](#), ao negar que Bolsonaro teve responsabilidade direta por 120 mil delas, ao menos.

Não estranha, visto que tantos acreditaram em [hidroxicloroquina](#), ivermectina e proxalutamida. Em pouco tempo a ciência demonstrou serem inócuas contra o coronavírus, mas não adiantou.

Há que reconhecer, entretanto, a necessidade de ouvir e tentar compreender o que arrasta tantas pessoas a tamanhos equívocos. Não para lhes dar razão, que não têm, à luz do melhor conhecimento disponível.

Importa é entender como se convencem, para fundamentar na realidade a criação de argumentos, canais e retóricas que possam reconquistá-los para a esfera pública. Sem estigmatizar ou ridicularizar: estamos condenados a crer que ao menos alguns ainda aceitarão a superioridade de fatos sobre opiniões.

Para os impenitentes e irrecuperáveis, aqueles que rezam pelo credo da inferioridade dos pobres, negros ou mulheres, pior legado da escravidão, toda pregação racional é vã. Sobre eles deve pesar o jugo da lei.

Verdade 2

A sociedade brasileira continua imatura, pois ainda se enxerga necessitada de um "deus ex machina", um salvador da pátria. Uma pátria tão intratável que as pessoas só vislumbram

redenção com recurso a uma figura paterna autoritária ao estilo de Getúlio, Jânio, milicos, Collor ou Bolsonaro.

Nossas instituições funcionam mal e sempre funcionaram mal, corroídas por privilégios de classe, clientelismo, favores, corporativismo, meritocracia de fachada, nepotismo e arreglos. Legislativo e Judiciário, que deveriam contrabalançar excessos do Executivo, continuam infestados por esses cupins.

Se as instituições funcionassem bem, [Arthur Lira](#) jamais sacaria seu orçamento secreto, [Lula](#) não ficaria 580 dias preso, Dilma não sofreria impeachment, Jefferson não seria agraciado com negociação, [Zambelli](#) não sairia impune da pistolagem e [Silvinei](#) não seria comandante do motim na Polícia Rodoviária Federal.

Verdade 3

A esquerda não está imune a essa doença infantil da república. Basta ver o culto à personalidade de Lula, um populista conciliador repaginado como estadista só por ser o único capaz de derrotar Bolsonaro. Desafortunada a terra que precisa de heróis, dizia [Brecht](#).

Não é demérito do presidente eleito, um líder de admiráveis resiliência e habilidade. Mas sim nosso, de cidadãos infantilizados que esperamos ver tudo resolvido com carisma e boas intenções, na esperança de que caia do céu um projeto justo e factível de país.